



Praia das Barreiras (atual praia da Areia Preta) em 1910



Praia da Areia Preta: urbanização e importante ponto turístico



Em 1910, poucos moradores na rua Coronel Henrique Coutinho



Oitenta e oito anos depois, o desenvolvimento com rua calçada e residências

Guarapari: história na areia

Em 1569, os jesuítas chegaram à Aldeia do Rio Verde. Em 1891, ela passa a ser chamada Guarapari, que significa armadilha para ave negra

Entre as matas virgens do litoral Sul do Espírito Santo, em 1569 o beato José de Anchieta estabeleceu a sua primeira ordem missionária no Brasil.

Há 429 anos, os jesuítas aportaram na Aldeia do Rio Verde (como foi chamada por eles), para dar início a catequese dos seus habitantes: os índios goitacazes e tupiniquins.

Passados 16 anos (1585) de experiência e adaptação na nova terra – período em que os jesuítas conquistaram a confiança dos índios – o beato decidiu então oficializar a fundação da aldeia, inaugurando no alto de uma colina a capela de Santa Ana.

Satisfeitos com as mensagens que chegavam da aldeia, o reino de Portugal adiantou-se em enviar um donatário que coordenasse o imediato desen-



volvimento econômico e social do lugar. Seu nome era Francisco Gil de Araújo.

Quando em 1891 a vila transformou-se em cidade, seu nome mudou para Guarapari, que no idioma tupi-guarani significa “armadilha para a ave de penugem negra”.

Quatro séculos de história ficaram para trás e todo o investimento aplicado em Guarapari pelos jesuítas parecer dado resultado. Considerado hoje como um dos mais bem-sucedidos e badalados balneários brasileiros, as lembranças dos tempos remotos ou estão nos livros das bibliotecas ou na memória de quem vi-

venciou parte deste século.

LENHA

Caminhar hoje por Guarapari, principalmente no morro do Atalaia (bairro de Muquiçaba), é deparar-se com parte da história nas edificações jesuíticas, como os poços de água, construídos no final do século XVI.

O serralheiro Alfredo Bordart, 72, que nasceu e se criou em Guarapari, guarda com saudade o tempo em que as ruas do município ainda eram de terra, e com poucos casebres margeando a sua extensão.

“Por volta de 1935, os moradores viviam apenas da pesca e da coleta de lenha, que era vendida para a única padaria que existia aqui. A areia monazítica era importante fonte de renda, já que era exportada para países europeus”, contou Alfredo.

A travessia do canal que liga o centro de Guarapari a Muquiçaba era feita de barco, pois a ponte não existia.

Para se chegar a Vitória, segundo a dona de casa Maria Conceição Pereira, 61, era preciso esperar carona em algum caminhão. “Bons tempos aqueles!”

A luta do Poeta das Castanheiras

“Quem quer alcançar vitória, tem que prosseguir à luta. Seguindo eu vou, na minha estrada. Rumo que vai me levar para aquele outro lado, e que eu desejo conquistar...”

E as conquistas parecem não estar limitadas apenas às rimas poéticas de Marcílio Vasconcelos, 42, mais conhecido como o “Poeta das Castanheiras” (em tributo à famosa praia de Guarapari).

Nascido no Estado da Bahia, terra de grandes artistas como Dorival Caymmi e Caetano Veloso, aos 17 anos “Poeta” colocou o pé na estrada e partiu em busca de uma oportunidade para mostrar ao Brasil o seu potencial artístico.

Foram momentos de sufoco, mas ele não desanimou. Para dar força ao seu propósito, ele rabiscava em papéis de guardanapo palavras de otimismo que pudessem motivá-lo na luta pela sobrevivência. E a sua confiança passou a guiá-lo para o sucesso.

Em 1982, ele inscreveu uma de suas poesias no Festival de Música de Ipirá, na Bahia. Ganhou a primeira colocação.

Transformava-se então num músico, um artista eclético que conquistou a simpatia da iniciante banda baiana Cheiro de Amor, a quem acompanhou, tocando guitarra, durante seis meses.

Andarilho, há cerca de 15 anos “Poeta” chegou à Vitória. No entanto, sua estadia na capital foi breve. Após conhecer Guarapari, ele tomou uma decisão importante: fincar pé, definitivamente, no mais belo balneário que já havia conhecido.

Tão logo conseguiu empregado um pincel e algumas latas de tinta, partiu para uma outra arte: a pintura. Com a ajuda de alguns amigos, ele adquiriu um cavalete e algumas telas.

A primeira imagem registrada foi a da Praia das Castanheiras, onde todas as manhãs instala seu cavalete e começa a pintar.

“Até hoje, eu já pinte mais de cinco mil telas. Com preços variando de R\$ 5,00 a R\$ 30,00, eu chego a vender até cinco telas num dia”, contou.

Nos finais de semana, o artista também canta nos bares e restaurantes do município.